



EDITORA
ROSA DOS
TEMPOS

Fundação
Carlos Chagas



ENTRE A VIRTUDE E O PECADO

orgs. **Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruschini**

Sumário

APRESENTAÇÃO 9

VIRTUDE E PECADO: SEXUALIDADE EM SÃO PAULO COLONIAL 15
Eliana Maria Rea Goldschmidt

PARTEIRAS NO SÉCULO XIX: MME. DUROCHER E SUA ÉPOCA 37
Maria Lucia de Barros Mott

MULHERES NO MUNDO DA CASA: IMAGENS FEMININAS NOS ROMANCES DE
MACHADO DE ASSIS E ALUIZIO AZEVEDO 57
Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi

A ARTE DA SEDUÇÃO: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CINEMA MUDO
BRASILEIRO 89
Maria Fernanda Baptista Bicalho

O ESTILO FEMININO NA INTERAÇÃO VERBAL 119
Judith Chambliss Hoffnagel
Elizabeth Marcuschi

MULHERES BÓIAS-FRIAS A CAMINHO DO EITO 147
Maria Aparecida de Moraes Silva

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ESFERA CONJUGAL: JOGO DE
ESPELHOS 169
Maria Ignez Costa Moreira
Sônia Fonseca Ribeiro
Karine Ferreira Costa

GÊNERO, PODER FEMININO E NARRATIVAS DE BRUXARIA 191
Sônia Weidner Maluf

APRENDENDO A SER MULATA: UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE
DA MULATA PROFISSIONAL 213

Sônia Maria Giacomini

AS AUTORAS 247

A FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS E OS CONCURSOS SOBRE MULHER 249

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea reúne artigos que são o resultado de pesquisas financiadas em 1988 pelo V Concurso de Dotações para Pesquisa sobre a Mulher Brasileira, realizado pela Fundação Carlos Chagas com o apoio financeiro da Fundação Ford.

Os concursos da Fundação Carlos Chagas tornaram-se conhecidos por sua marca de abertura, inovação e interdisciplinaridade, características que favoreceram a ampliação, diversificação e sofisticação do leque temático de um campo que começou a se constituir em torno de interrogações sobre a condição feminina, e cuja consolidação ganhou novo ímpeto quando seu eixo se deslocou para a análise das relações sociais entre os sexos e a construção de hierarquias baseadas no gênero.

Abertura a temas, a campos disciplinares, a metodologias e até mesmo abertura de acesso, uma vez que nos concursos não existem restrições de grau acadêmico ou de inserção institucional dos candidatos. Bolsas de pesquisa são oferecidas para trabalhos de qualquer região do país, de qualquer área disciplinar e para estudiosos em qualquer estágio de sua formação.

O foco na condição feminina pode se expressar através das formas mais diversificadas. Inovação e adequação entre teoria e método são os critérios que presidem a seleção das propostas, que passam pelo crivo de um corpo de assessores escolhido propositalmente pela divergência de suas orientações.

A prioridade dos concursos é estimular a paixão pela investigação, aliada ao rigor e à disciplina necessários à formação de especialistas. Uma das características deste programa de dotações, que o destaca de todos os demais financiamentos para pesquisa no país, é sua natureza formativa. Proporciona um acompanhamento estreito

à realização das pesquisas através de seminários e de assessorias, assim como de trocas menos formais. O interesse compartilhado durante o desenrolar do programa cria elos de respeito mútuo e cumplicidade entre bolsistas, assessores e comissão. No concurso que se encerra com a publicação desta coletânea, participaram da comissão Bila Sorj e Heloísa Buarque de Hollanda, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Céli Regina Pinto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Lia Zanotta Machado, da Universidade de Brasília, Maria Odila Silva Dias, da Universidade de São Paulo e Mary Garcia Castro, da Universidade Federal da Bahia, além das pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas. A todas agradecemos pela dedicação, empenho e bom humor. A Heloísa Helena Silva Padula, cuja dedicação na secretaria do programa tem contribuído para sua maior eficiência, o nosso muito obrigado. E, para a organização dessa coletânea, agradecemos à equipe de datilografia da Fundação Carlos Chagas, coordenada por Isolina Rodriguez Sales de Figueiredo, e a Tina Amado, pela minuciosa e competente preparação dos originais.

Consolidar espaços e ampliar horizontes sempre foi o mais importante objetivo deste programa de dotações. Este propósito tem sido perseguido com perseverança. Olhando para a trajetória dos concursos, passados quase 13 anos, uma vez que o primeiro ocorreu em 1978, podemos avaliar com satisfação os resultados alcançados: 694 propostas foram enviadas de todas as regiões do país, das quais 108 foram apoiadas. Quatro livros foram produzidos, *Vivência* (1980), *Trabalhadoras do Brasil* (1982), ambos da Brasiliense, *Mulher, Mulheres* (1983, Cortez) e *Rebeldia e Submissão* (1989, Vértice), além de um número especial de *Cadernos de Pesquisa*, revista da Fundação Carlos Chagas, em 1985. São mais de 40 artigos versando sobre tópicos da condição feminina, além de muitos outros que, embora não incluídos nestas coletâneas, foram divulgados por outras publicações. Outras realizações, menos convencionais mas não menos importantes, também foram apoiadas, como os filmes de curta-metragem *Mulheres da Boca*, *Tribunal Bertha Lutz* e *Marias da Castanha*, vídeos como *Rosa Bala* e fotografias como a série *O Cotidiano das Mulheres*. Os Concursos de Dotações vêm contribuindo direta e indiretamente para a legitimação de uma área de estudos, incentivando a realização de teses e estimulando, pelo apoio a pesquisadores promissores, a formação de núcleos de pesquisa em várias regiões do país.

Os nove estudos que ora publicamos originam-se em disciplinas diversas como a História, a Psicologia, a Antropologia, a Linguística e a Sociologia, mas estabelecem entre si boas relações de vizinhança. Sinal promissor de que vamos aprendendo a dialogar numa saudável prática de interdisciplinaridade.

Ao falar de bruxas, bóias-frias, melindrosas, mulatas, parteiras, de representações de família e do feminino, de violência e sedução, embora a ótica prevalecente seja a inquietação com a construção social do gênero, começa inclusive a se insinuar uma preocupação — explícita num caso, tênue no mais das vezes — com as relações raciais.

O artigo de Eliana Goldschmidt descreve práticas de controle da sexualidade implantadas pela Igreja Católica no período colonial, através de mecanismos de delação que atingiam a intimidade dos colonos. Para os habitantes da colônia, o pecado era uma realidade que permeava o cotidiano, o que não impedia a ocorrência de transgressões. Estas são analisadas por Eliana, que toma como fonte documental as causas-crimes da justiça episcopal conservadas no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

A partir da história de vida de Josephina Durocher, personagem “bizarra” — vestia-se sempre de preto, com roupas masculinas — que exerceu, no século XIX, no Rio de Janeiro, a profissão de parteira, e dos escritos por ela deixados, Maria Lucia Mott analisa o que era esta profissão no século passado. Apesar da imagem negativa da parteira veiculada pela literatura médica, há indícios, segundo afirma a autora, de que a parteira tradicional, a antiga comadre, sobreviveu por muito tempo, perdendo seu lugar para os médicos e não para as parteiras diplomadas pelos cursos de profissionalização implantados no século XIX.

A historiadora Ana Maria Magaldi procura apreender o cotidiano do Rio de Janeiro na virada do século XX, através das páginas de romances. Segundo a autora, as imagens de mulher veiculadas por Aluizio Azevedo conformam-se a um ideal modernizante e a um modelo higienista que reafirmam a subordinação feminina e sua exclusão do espaço público; enquanto Machado de Assis, ao desmontar a lógica da nova sociedade burguesa em constituição, prima pela ausência de prescrição de normas de comportamento, reservando às personagens femininas um espaço de liberdade e influência.

Inserido na temática das representações, o texto de Fernanda Bicalho trabalha sobre os tipos de discurso e imagens do feminino,

construídos pelo cinema mudo brasileiro na década de 20. O poder de sedução das estrelas do cinema mudo marcou toda uma geração de mulheres, atuando como instrumento de difusão de novos padrões de comportamento e de novos valores, servindo como modelo para a construção de uma imagem de mulher moderna. Imagens de estrelas, que oscilam entre as “vamps” e as ingênuas, passeiam pelo texto de Fernanda, extraídas de sua cuidadosa leitura das revistas que se dedicavam à crítica cinematográfica da época.

A existência de um estilo feminino de falar, resultado das desigualdades sexuais na sociedade, tem alimentado uma acesa polêmica no campo da Linguística, que até recentemente teve pouca repercussão entre nós. Esta questão é agora discutida com perícia por Judith Hoffnagel e Elizabeth Marcuschi, a partir da análise de dois aspectos da organização da interação verbal entre homem e mulher: a introdução de novos tópicos na conversa e a utilização de marcadores conversacionais. As autoras concluem que as mulheres se esforçam mais em conversas mistas, são mais sensíveis às variações de contexto e tendem a recorrer mais freqüentemente a fórmulas indiretas e prefaciadas, mas que esse estilo não é prerrogativa do sexo feminino.

Acomodação e resistência nas práticas cotidianas de trabalhadoras rurais em São Paulo são o tema de Maria Aparecida Moraes e Silva. Explorar a viabilidade de articulação das dimensões de classe e gênero na análise das relações de dominação é o objetivo central deste estudo, onde são estrategicamente utilizadas tanto a noção de poder de Michel Foucault quanto a de experiência formulada por E. P. Thompson.

Recorrendo a sua experiência de atendimento a mulheres vítimas de violência na Delegacia Especializada em Crimes contra a Mulher em Belo Horizonte, Maria Ignez Moreira, Sonia Ribeiro e Karine Costa procuram analisar as causas da produção e da reprodução desse fenômeno, a partir das informações fornecidas por várias mulheres que haviam registrado queixa policial contra seus maridos ou companheiros, e que foram entrevistadas posteriormente por elas em suas residências.

Sônia Maluf avança na compreensão da intrincada trama das relações de gênero baseada na análise de narrativas sobre bruxaria numa comunidade de pescadores no litoral sul do Brasil. A referência constante a figuras e formas de poder feminino permite entrever um imaginário ambíguo mais complexo e mais rico do que o mode-

lo formalmente explicitado de demarcação rígida dos sexos, que reconhece exclusivamente a autoridade masculina.

Interessada na análise das formas através das quais a categoria racial "mulata" transforma-se em uma categoria profissional, Sônia Giacomini segue um percurso original: acompanha um curso de formação de mulatas, no Rio de Janeiro, observando e entrevistando suas participantes. As informações recolhidas pela pesquisa sugerem que a identidade "mulata" ancora-se em alguns atributos particulares, como a cor, a habilidade para sambar, o corpo em forma de violão, a estatura elevada. Antes de tudo, porém, a mulata deve ser uma profissional competente, que se exhibe "com raça" e estabelece uma boa comunicação com seu público.

Nove artigos, diversos no tema, na disciplina, na metodologia, na perspectiva teórica. Semelhantes pela garra com que se debruçam sobre o desvendamento das relações entre os sexos e pela originalidade e competência com que o fazem.

Uma feliz conjunção permitiu que esta nova coletânea, que vem consolidar o empenho que a Fundação Carlos Chagas tem demonstrado na implantação da área de estudos de gênero do país, fosse publicada pela Rosa dos Tempos, editora que em 1990 inaugurou com sucesso uma linha editorial voltada para temas emergentes e atenta aos interesses das mulheres. Apesar de nova, a Rosa dos Tempos é o resultado do conhecimento que feministas históricas, como as que se dedicaram a esse empreendimento, têm dos desejos e das necessidades femininas, conhecimento acumulado, ao longo de mais de quinze anos, através de uma presença constante nas múltiplas faces da mobilização das mulheres.

Já que temos tantas coisas em comum, só nos resta desejar que este seja apenas o primeiro de uma série de livros que faremos juntas.

São Paulo, setembro de 1991

Albertina de Oliveira Costa
Cristina Bruschini